**PESQUISAR COMO E PARA QUE SE TUDO É RELATIVO?**

**A CARTOGRAFIA COMO REALIZAÇÃO DE POSSÍVEIS NAS PESQUISAS EM CURRÍCULO**

Luana Carneiro Bezerra[[1]](#footnote-1)

**Resumo:** Este trabalho aborda as angústias e dúvidas comuns ao considerar a realização de pesquisas nos registros pós-críticos, especificamente no campo pós-estrutural de currículo. As questões surgiram durante uma aula, onde foi discutido o rigor e a concretude dessas abordagens. Muitos alunos acharam essas teorias instáveis e relativas, questionando sua "utilidade" para pesquisas. Como tentativa de resposta, esse trabalho propõe discutir o pesquisar assumindo a contingência das escolhas, as imprevisibilidades e as precariedades. Para isso, sugere um diálogo entre a filosofia da diferença e o pós-estruturalismo, utilizando a cartografia como uma estratégia-teórica. Essa abordagem visa explorar novas possibilidades em pesquisas de currículo, evitando modelos rígidos ou deterministas. O que chamo neste trabalho de realização de possíveis, são as extensas conexões e aberturas no campo curricular educacional, que ensejam novos caminhos de compreensão das formas de navegar nas pesquisas.

**Palavras-chaves:** Currículo; Cartografia; Educação.

**Projetando um cenário e algumas angustias...**

Como fazer pesquisa inscrita no terreno da imprevisibilidade? Qual rigor para isso? Faz sentindo pesquisar dentro desses registros pós-estruturais? Essas teorizações são tão instáveis e não apresentam nenhum chão seguro para nos sustentar. Não consigo ver nenhuma concretude nisso, parece que tudo é relativo, ainda vale a pena pesquisar? Início este trabalho com algumas falas e questionamentos feitos em uma aula de metodologias de pesquisas e teorias pós-críticas de currículo.

Umas das angustias que comumente surgem quando começamos a pensar o deslocamento das nossas pesquisas para os registros pós-críticos, é sobre como e para que vamos fazer isso. Acredito que a dúvida do *“como fazer”* está ligada a necessidade das prescrições que tanto nos acompanham nas disciplinas de metodologia de pesquisa. E, o *“para que fazer”,* ligada a ideia de utilidade, de solução de problemas, de respostas e propostas de intervenção, que geralmente somos incitados a sugerir ao final dos textos de redação na escola e nas nossas pesquisas acadêmicas.

Me associo a outros pesquisadores que têm se dedicado a pensar o como pesquisar assumindo a contingência de suas escolhas. Dessa forma, o foco neste trabalho, é discutir a cartografia como uma possibilidade teórico-estratégica que, inscrita nos registros pós-estruturais e da filosofia da diferença, auxilie na realização de possíveis nas pesquisas em currículo. Com isso, não quero criar nenhum modelo para fazer pesquisas em educação ou implicar alguma espécie de determinismo pois “cada instância normativa é acompanhada de perto por seu próprio fracasso” (Butler, 2015, p.22).

**Mas tudo é tão relativo...**

Quando as pesquisas realizadas com abordagens pós questionam os pressupostos da modernidade[[2]](#footnote-2) e seu pretenso unitarismo metodológico, não significa que essas abordagens estão relativizando demandas políticas, nem concordando “com o niilismo pós-moderno” (Lopes, 2003, p. 17), na verdade, trata-se de assumir as precariedades, as contingências, as disputas e as imprevisibilidades vivíveis na educação e nos currículos. Por tanto, torna-se importante entender que os registros pós-críticos, possuem diferentes análises teóricas, que implicam em distintas estratégias de pesquisa em cada abordagem.

Lopes (2013, p.10), considera que a imprecisão, dada como característica dessas abordagens, não necessariamente implica em algo negativo, pois “na contemporaneidade, ser vago e impreciso tem utilidade”. Concordo com a autora que uma das principais marcas de abordagens pós-estruturais seja o reconhecimento de que todas as nossas decisões são marcadas pela imprecisão e ambiguidade.

Vale destacar, também, que os argumentos contrários as teorizações pós, colocam esses registros como capazes de despolitizar as demandas curriculares, dada a ausência dos projetos salvacionistas, dos modelos essenciais de educação e currículo. E, sobre esse argumento, discordo do diagnóstico de que estamos vivendo em tempos menos politizados, a chamada era da pós-política (Mouffe, 2006).

Defendo que o contexto contemporâneo, quando analisado sob os registros pós-estruturalista, abre-se para a hiperpolitização. Baseando-me na perspectiva desconstrutiva de Derrida (1998), acredito que a politização nunca cessa, pois a indecidibilidade está sempre presente nas decisões. E que “qualquer consenso é um consenso sobre o caos, sobre o instável e a estabilidade só se faz necessária, porque não é natural (Lopes, 2003, p. 20)” e a política atua para tentar criar essa estabilidade.

Outra característica dos registros pós-estruturais é a impossibilidade de apreender o real da forma como afirmado em perspectivas realistas. Trata-se de interpelar reflexões produzidas com a pretensão de atribuir dimensão de universalidade a uma interpretação de um fragmento daquilo que está sendo chamado de realidade, e assim, propor soluções salvacionistas, que acabarão de vez com os problemas daquela realidade recortada, imaginada para um sujeito específico.

O que também é entendido muitas vezes como despolitização, relativização e tantos outros marcadores contrários a esses registros, quando, na verdade, são as “implicações políticas desse realismo que, inversamente, despolitiza a investigação, já que a intensificação dos artifícios normativos cria ilusões de transparência, desvelando, antes, uma desresponsabilização dos discursos realistas de currículo” postos em cena pelas investigações que utilizam os registros pós-estruturais (Oliveira, 2016, p. 11).

Por tanto, entendemos as possibilidades teórico-estratégicas como um movimento do pensamento, dotado de plasticidade que delineia, faz e refaz percursos multidirecionais no caminho investigativo e, isso não denota falta de planejamento ou compromisso para com a pesquisa. Afinal, “nada assegura que o planejado *a priori* se concretize ou que postulações teóricas previamente estabelecidas funcionem” (Tedeschi; Pavan, 2017, p. 773).

**A criação de possíveis...**

Há uma imprevisibilidade na vida constantemente ameaçada e inúmeras são as tentativas de conter os fluxos e capturar as diferenças. No desenvolvimento de uma pesquisa, isso também se aplica. Muitas são as ferramentas para fundamentar, estruturar e “capturar as essencialidades” nas produções acadêmicas. Mas, será possível pesquisar em terrenos movediços? É possível acompanhar os fluxos ao invés de conte-los? Desembarcar e não colonizar?

Neste trabalho, trago a cartografia deleuzeguattariana como uma possibilidade na produção de pesquisas em currículos, que navega no terreno das imprevisibilidades, sem a pretensão de estabelecer um modelo fixo, organizado e fechado segundo as exigências da representação (Oliveira, 2012).

Com Kastrup e Barros (2015, p. 76), assumo a cartografia “como um procedimento *ah hoc* a ser construído caso a caso”, sempre “praticadas em domínios específicos”. Nesse sentindo, a cartografia apresenta-se como uma possibilidade inventiva de acompanhar processos, sempre em curso, sem castrar o movimento e as imprevisibilidades, instaurando ranhuras nos modos de pensamento sedimentadas.

“No entanto, isso não significa negar a utilização, em nossas pesquisas, de práticas e de procedimentos de que já dispomos; o que não se quer é ficar preso a esses princípios” (Tedeschi; Pavan, 2017, p. 774).

É dessa perspectiva que a cartografia se apresenta como potência de ação na interioridade do pensamento curricular, em devir imoderado, que não apenas se torna, mas transforma, tensionando fundamentos nos pressupostos da racionalidade cartesiana.

Um desmoronamento da interioridade do pensamento curricular, é dotado da potência extrínseca de surgir em qualquer ponto e de traçar qualquer linha, irrompendo nas águas mansas da sabedoria adquirida, de modo involuntário, imprevisto, incompreensível, inassimilável. Vive às voltas com as forças do Fora, como uma violência que se abate destrutiva sobre os saberes consolidados, como um estranhamento recíproco entre o pensamento racional e a realidade de algum objeto (Corazza, 2008, p.23).

Dialogar com o pós-estruturalismo nas pesquisas, tem possibilitado remobilizar as concepções de currículo para além de uma simples seleção de conhecimento. Entender que não há um mundo homogêneo e transcendente, fundamentado em uma verdade, não reduz nossas pesquisas ao relativismo, pelo contrário, pois é no contexto da indecidibilidade que os movimentos acontecem (Lopes, 2013).

Por tanto, pensar a pesquisa, a educação a escola como processos de enunciação e disputa de sentidos, são uma tentativa de realizar outros possíveis nas pesquisas em currículo. E, a cartografia, como processo de construção que, de uma perspectiva pós-estrutural, assumo como discursivo, pode ser potente na produção de reflexões realizadas ao tempo de um novo desejo, um novo devir, pois currículo é vida, música, encontros, fluxos, disputas e, por que não cartografia? Currículos constituem mundos, e, justamente por constituírem mundos, currículos constituem possibilidades inventivas de fazer pesquisa.

O que chamo neste trabalho de realização de possíveis, são essas extensas conexões e aberturas no campo curricular educacional, que ensejam novos caminhos de compreensão das formas de navegar nas pesquisas. Buscando maneiras de experimentar irrepetibilidades e singularidades, destituídas da pretensão de encontrar uma verdade ou fundamento último.

**Considerações**

No que tange as pesquisas inscritas nos registros pós-estruturais e da filosofia da diferença, aciono a cartografia deleuzeguattariana como alternativa para o investimento em outros possíveis nas pesquisas em currículo. De maneira resumida, desejamos tensionar algumas das angustias trazidas no início desde trabalho, não para dar respostas ultimas ou oferecer um “chão seguro”, mas por acreditar ser importante redirecionar nossos desconfortos, e talvez, quem sabe, abraçar a imprevisibilidade ao invés de tentar capturá-la, investindo nas virtualidades da exploração de formas outras de acolher para multiplicar, sem com isso domesticar o olhar e as formas de produzir pesquisas em currículos.

**Referências**

BUTLER, J. **Quadros de Guerra: quando a vida é passível de luto**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

CORAZZA, S. O que Deleuze quer da Educação? **Rev. Educ.,** v.2, n.6, p.16-27, 2008.

Derrida, Jacques (1998). Notas sobre desconstrucción y pragmatismo. In Chantal Mouffe (Org.),**Desconstrucción y pragmatismo** (pp. 151-169). Buenos Aires: Paidós.

KASTRUP, V.; BARROS, L. P. Movimentos-funções do dispositivo na prática da cartografia In: PASSOS, E.; KATRUP, V.; ESCÓSSIA, L. (Org.). **Pistas do método da cartografia:** pesquisa-intervenção e produção de subjetividades. v. 1. Porto Alegre: Sulina, 2015. p. 76-91.

LOPES, A. C. Teorias pós-críticas, políticas e currículo. In: **Educação Sociedades e Cultura**, n 39, 2013.

Mouffe, Chantal (2006). **On the political.** Londres: Routledge.

OLIVEIRA, T. R. M. de. No meio do mundo, aquendar a metodologia: notas para queerizar a pesquisa em currículo. **Práxis Educativa,** v. 11, n. 2, p. 332–356, 2017.

PARAÍSO, M. A. Metodologias de pesquisa pós-críticas em educação: trajetória, pressupostos, procedimentos e estratégias analíticas. In: MEYER, D. E.; PARAÍSO, M. A. (Orgs.). **Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação. Belo Horizonte:** Mazza, 2012. p. 47-61.

RANNIERY, T. Mapas, dança, desenhos: a cartografia como método de pesquisa em Educação. In: MEYER, D. E.; PARAÍSO, M. A. (Orgs.). **Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação. Belo Horizonte:** Mazza, 2012. p. 281-305.

TEDESCHI, S.; PAVAN, R. A produção do conhecimento em educação: o Pós-estruturalismo como potência epistemológica. **Práxis Educativa**, Ponta Grossa, v. 12, n. 3, p. 772-787, set./dez. 2017.

1. Doutoranda em Educação – Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Bolsista Faperj. [↑](#footnote-ref-1)
2. Como pressupostos da modernidade quero chamar a atenção para a suspeita das categorias modernas e sua ambição universalista, homogeneizante, a problematização das questões como as noções de identidade, do sujeito racional cartesiano, as metanarrativas e as práticas sociais e culturais, discursivas ou não discursivas imersas nas relações de saber e poder. [↑](#footnote-ref-2)